

## Entrevista Luc Ferry

*Luca Rischbieter*

*- Bom dia, Monsieur Ferry. Para o grupo Positivo é uma honra estar aqui hoje.*

*Luc Ferry*

*-É uma honra para mim estar aqui, agradeço infinitamente todos vocês. Agradeço ao grupo Positivo por ter me convidado. Bom dia aos colegas que nos assistem. Estou muito feliz de estar aqui com vocês.*

*Luca Rischbieter*

*-Os temas desse encontro são a autoridade e a disciplina na educação. Eu começo com a mesma pergunta que fiz para André Comte-Sponville. Hoje em dia, fala-se muito em mudança: mudança nas sociedades, nas tecnologias, na educação. Nesse contexto, em que o grande mote é a mudança, como ficam os conceitos de autoridade e de disciplina? O que o senhor diria sobre eles, para os educadores, hoje? O que há de "eterno", ou perene, no processo educacional?*

*Luc Ferry*

*- Quase nada, de fato. Tudo mudou muito. Houve muitas mudanças, de fato. O termo mudança é mesmo apropriado. Mas para voltar ao essencial, ou ao que eu considero como essencial, mas podemos debater sobre isso, eu acho que a educação se articula em três grandes momentos: o amor, a lei e as grandes obras. Para nós, velhos ocidentais e para vocês também, que são europeus, mesmo estando longe da Europa, a educação é cristã, judaica e grega. Cristã no que diz respeito ao amor: se o amor não for transmitido às crianças, elas não terão o que podemos chamar capacidade de recuperação em relação aos acidentes da vida. Mas para ter autoconfiança, é preciso ter sido amado. É preciso transmitir também a autoridade da lei, isso é vital. Se não transmitirmos a autoridade da lei, não permitiremos às crianças entrar no que Lacan chamava "espaço do simbólico", ou seja, a vida na cidade. A lei e a autoridade são necessárias, mesmo se for para transgredi-las: para transgredir a lei, é preciso que ela exista. Quando, por exemplo, recebemos amigos em casa, e há uma criança de 3 anos que põe o champanhe no cinzeiro, e o cinzeiro no champanhe, todo o mundo tem vontade de estrangulá-la, a não ser os pais, que acham ela adorável. O que ela está esperando? Ela faz como os gatos. Ela está esperando que alguém diga: "Não". E o princípio fundamental da autoridade é que o seu "não" seja um não, e que o seu "sim" seja um sim. Quando falamos "sim", é sim, e quando falamos "não", é não. Mas não se pode negociar muito com as crianças. Já o terceiro grande momento da educação é o momento grego, é a transmissão das grandes obras. Para nós, ocidentais, foram os gregos que inventaram os gêneros literários: a epopeia, a filosofia, a mitologia, a cosmologia, etc. É preciso então transmitir esses três momentos, e o que acontece hoje*

é que amamos tanto nossas crianças, damos tanta importância ao sentimento, à afetividade, que transmitimos o amor, claro, mas temos dificuldades em transmitir a lei e as grandes obras. A lei e o saber estão em declínio em todos os países ocidentais. Na minha visão, esse é o problema fundamental da educação.

*Luca Rischbieter*

*- O senhor é um otimista e, na sua visão da sociedade, o que lhe agrada hoje é o fato das famílias e das relações estarem se liberando das imposições sociais, da tradição.*

*Luc Ferry*

- Sim, podemos dizer assim. De fato, o que vivemos na velha Europa, e quando falo de Europa falo de todo o espaço da civilização europeia, é a civilização da autonomia. Somos a única civilização no mundo, onde o senhor e eu, mas também as mulheres, somos tratados não como crianças, mas como adultos. É o fim da minoridade. Também Kant, num pequeno texto de 1795, intitulado *Was ist Aufklärung?* Que é o Iluminismo?, dizia que o Iluminismo é a civilização europeia, é a civilização da saída da infância. Somos tratados como adultos. Há países onde as mulheres não têm direito de dirigir, ou são casadas à força. A ONU publicou um documento em outubro de 2012 que mostra que daqui até 2020 ou 2025, 130 milhões de meninas no mundo serão casadas à força. Na África, na Ásia, etc. Então, a Europa é isso, é o espaço da autonomia e isso tem efeitos admiráveis e tem efeitos perversos também.

*Luca Rischbieter*

*-Justamente, o senhor fala de famílias, de relações, mas há esse processo de atomização, ou crianças que não têm família e que não tem muito amor. Eu, como um pedagogo mais “para a esquerda”, que acredito em pessoas como Freinet, me pergunto: quando não há a família, a escola deve ser só um lugar de transmissão? Eu trabalho na Educação Infantil, e o que o senhor disse é o que se diz lá: a criança pede limites.*

*Luc Ferry*

- Sim, ela precisa disso para formar-se.

*Luca Rischbieter*

*- E, se não há a família, a escola não poderia ter, ao menos para as crianças, um outro papel também, além de transmitir e de fazer amar as grandes obras?*

*Luc Ferry*

- Claro, se não há a família, a escola deve fazer. Estamos de acordo. Mas seria o papel

das famílias. Eu faço uma distinção entre o ensino e a educação.

*Luca Rischbieter*

- *Como Alain?*

*Luc Ferry*

- Sim, claro! A realidade é que hoje em dia, pelas razões que já evoquei, porque damos uma importância enorme à afetividade, amamos tanto as crianças que não conseguimos transmitir a lei e o saber. Já não somos mais capazes de fazer deitar as crianças na hora certa. Então é claro: se as famílias não cumprem o seu papel, é a escola que tem que compensar. Mas não é o papel dos professores. Uma professora de matemática, de biologia, pelo menos na França, não gosta que lhe seja atribuído o papel de babá, de assistente social ou de educadora para substituir os pais. Os professores querem, em primeiro lugar, transmitir conhecimentos, saberes, são apaixonados pela sua disciplina, pelos seus próprios saberes, que eles adquiriram na universidade. Então, quando lhes é pedido que substituam os pais, eles reagem mal aqui na França. Eles não gostam, eles dizem: "Não somos os pais, somos professores." O senhor não gosta disso, não é?

*Luca Rischbieter*

- *Não, mas sempre foi assim. Sempre foi assim. Sempre é assim. Mesmo com meu orientador, um piagetiano, eu caía sempre no mesmo buraco. Mas não vou desistir.*

*Luc Ferry*

- Sim, siga.

*Luca Rischbieter*

- *Alain, o grande pedagogo conservador...*

*Luc Ferry*

- Sim, republicano para melhor dizer. Porque naquela época ele não era conservador, era um revolucionário.

*Luca Rischbieter*

- *Sim, meu sonho seria fazer dialogar Alain e Freinet da mesma forma que o senhor dialogou com André Comte-Sponville. Um grande diálogo entre os dois para ver o que emerge. Mas, como já faleceram, não é possível. É tarde demais. Contudo, quando Alain falava das escolas para os mais jovens dizia que era preciso separar a família da escola.*

*Na escola aprende-se.*

*Luc Ferry*

- Sim, a escola não é a casa do pai.

*Luca Rischbieter*

- *Mas ele criticava muito as escolas de Ensino Fundamental que funcionavam como "pequenas Sorbonnes." Essa frase é muito conhecida. A criança tem que estudar, ser ativa, ler. Assim, Alain está mais perto da "esquerda" do que se pensa.*

*Luc Ferry*

- Mas tudo depende do contexto onde estamos. Tudo é muito diferente nos Estados Unidos ou no Brasil, por exemplo. Há atmosferas completamente diferentes. A escola da minha infância era um quartel, era militar. Levávamos palmadas, não podíamos nem nos mexer, não era permitido falar, ficávamos aterrorizados pelo medo. Eu abandonei essa escola, não ia muita às aulas, eu a odiava. Mas hoje em dia a escola virou um apêndice da família. Os professores são como babás, na escola primária, há educadoras adoráveis, muito gentis. A escola parece mais uma família do que uma caserna militar, como era a escola da minha infância. As escolas do Terceiro Mundo ainda são muito rígidas, dogmáticas. Passamos do outro lado do cavalo, se posso dizer assim: montamos o cavalo e descemos do outro lado. Na escola da minha infância, havia só a transmissão do saber, vestíamos uma blusa cinza, o professor tinha uma régua e batia-nos quando não trabalhávamos bem. Hoje, ao contrário, a escola virou um apêndice da família quando ela deveria, apesar de tudo, transmitir os saberes. Então, a diferença entre nossos filhos e nós... Bom, eu adoro minhas filhas, elas são geniais. Eu as amo mais que tudo. Mas a quantidade de trabalho delas é dez vezes menor do que a da minha geração. Meus professores na Sorbonne, por exemplo, fizeram todos uma tese complementar em latim. Para fazer uma tese em latim, não é preciso nenhuma inteligência. Todos os romanos falavam latim, mesmo os imbecis. Mas isso demandava uma quantidade de trabalho enorme. Os primeiros textos de Nietzsche, por exemplo, quando ele tinha 15 anos, são os que ele escrevia aos seus colegas do liceu e são dissertações em grego, de 90 páginas, sobre a comparação entre os méritos de Eurípides e de Ésquilo. Isso exigia uma quantidade de trabalho inimaginável. Hoje há um declínio da transmissão.

*Luca Rischbieter*

- *Michel Foucault também, no Collège de France, tinha que falar sobre um assunto durante horas, nas provas orais.*

*Luc Ferry*

- Foucault acreditava sempre em algo que era bastante razoável naquela época mas que

se tornou delirante hoje em dia, ou seja, o fato da escola ser disciplinar. Ela já foi disciplinar, a escola da República era disciplinar, mas hoje não. Hoje as escolas são um caos. Os filmes Entre os Muros da Escola e O Dia da Saia, por exemplo, filmes franceses que no Brasil talvez vocês não conheçam...

*Luca Rischbieter*

- *Esses filmes tiveram muito sucesso no Brasil.*

*Luc Ferry*

- O cinema, por isso, é muito interessante: observamos, por exemplo, os filmes que representavam uma escola nos anos 30, 40, 50, 60, como Topaze, muito conhecido na França, com Louis Jouvet, imenso ator, filmado nos anos 30, por volta de 1938...

*Luca Rischbieter*

- *"As ovelhas pastam num prado"*

*Luc Ferry*

- Eu vejo que o senhor conhece também o ditado de Topaze. No filme, como no livro de Marcel Pagnol, Topaze é apresentado como um professor sem autoridade, ele é como "Nimbus", um professor mole. Mas a verdade é que, quando ele faz o ditado, seria possível ouvir um mosquito voando a 150 metros dali. Hoje, o mesmo professor numa classe problemática de um colégio, teria uma crise cardíaca antes do fim da aula. É isso que mudou. É por isso que eu digo que tudo depende do contexto.

*Luca Rischbieter*

- *Mas é o enquadramento sociológico que mudou.*

*Luc Ferry*

- Claro. É a família que mudou.

*Luca Rischbieter*

- *A família de classe média é muito gentil, demais.*

*Luc Ferry*

- O problema é que é a família do amor, baseada no casamento do amor.

*Luca Rischbieter*

*- Mas há famílias que se desmancharam...*

*Luc Ferry*

- Não é isso. Vou lhe explicar. É um verdadeiro problema. Os meus quatro últimos livros tratam da história da família moderna, a invenção do casamento do amor. Como é que passamos, na civilização ocidental, que é realmente ocidental, porque isso tem origem na Europa, do casamento combinado, do casamento da razão, ao casamento escolhido por amor e para o amor. Em resumo, depois da Segunda Guerra Mundial o casamento do amor se torna regra em todos os países ocidentais. Nossos filhos se casam por amor, não sei se você é casado, ou não, mas eu me casei três vezes por amor. É claro que se o casamento e a família se baseiam na paixão amorosa, ele não pode durar. O resultado é que hoje 60% dos casamentos acabam em divórcio, nas grandes cidades europeias, ocidentais. Mas não porque a família não funciona, a família está muito bem, nossos filhos ficam em casa até os 25 anos, até os 31 anos na Espanha. O amor então é muito forte na família. Mas se fundarmos a família e o casamento na liberdade de escolha e na paixão, as suas bases serão muito frágeis e variáveis. E isso leva às famílias recompostas, aos divórcios, etc. Mas o senhor conhece alguém que queria voltar ao casamento combinado? Ninguém! E se não houvesse os filhos, provavelmente teríamos 98% de divórcios. Essa é a situação atual. Mas é o preço a pagar pela autonomia, a liberdade, o amor. Isso não quer dizer que não devemos nos ocupar das crianças, ao contrário. Mas é uma situação que está relacionada ao surgimento da liberdade do amor no mundo ocidental.

*Luca Rischbieter*

*- Vamos chegar ao tema da liberdade. Então estaríamos perdendo o que há de eterno no processo educativo?*

*Luc Ferry*

- Não. A questão é que quando tínhamos sistemas autoritários, a tradição da República francesa era muito autoritária, as blusas cinzentas, a régua do professor, quase como num sistema militar, era muito mais fácil transmitir os conhecimentos. Minha avó era diretora numa escola, ensinava sem problemas, as crianças eram obedientes, dóceis. Acho que o que vai acontecer nos próximos anos é que seremos obrigados a reinventar formas de autoridade, mas sem retroceder. Ninguém volta nunca atrás. A ideia de voltar aos antigos valores, da Terceira República é absurda, ninguém volta nunca atrás. Mas pelo amor pelos nossos filhos, eu pretendo que os pais entendam: os pais que viveram o Maio de 68, por exemplo, discípulos de Freinet, das teorias das crianças livres, de Summerhill, sem autoridade, abandonaram essas ideias por amor, e não por um retorno

à tradição. Pelo amor aos seus filhos, entenderam que não é possível transmitir só o amor, deve-se transmitir também a lei e os conhecimentos. Todo mundo entende isso hoje e tenta-se criar formas de autoridades contratuais, inteligentes.

*Luca Rischbieter*

- *A pedagogia de esquerda afirma que se deve passar de um sistema baseado na autoridade a um sistema baseado na responsabilidade.*

*Luc Ferry*

- E entre os dois, houve um sistema baseado em nada, era a bagunça, que não funcionava, as competências declinaram muito.

*Luca Rischbieter*

- *Estamos no momento da bagunça?*

*Luc Ferry*

- Exato. Estamos agora saindo dessa fase, pelo menos na França. Pelas razões que eu citei: porque os pais entendem que por amor pelos filhos, não podem não transmitir também a autoridade e as grandes obras. O saber.

*Luca Rischbieter*

- *O senhor falou de Summerhill, que parece uma coisa quase engraçada agora, mesmo que tenha tido um valor como experiência...*

*Luc Ferry*

- Sim, como um laboratório.

*Luca Rischbieter*

- *Eu estou pensando no russo Makarenko, que se ocupava dos meninos de rua, de assassinos, órfãos de 17 anos, e que dizia que a autoridade e a lei são tão importantes que elas precisam ser criadas pelo grupo na sua totalidade.*

*Luc Ferry*

- Sim, ele tem razão.

*Luca Rischbieter*

- *É preciso dividir o poder com os alunos. Essa é uma ideia totalmente...*

*Luc Ferry*

- Sim eu sei, mas não. Não. Não, não. Eu acho que essa demagogia pró-jovem é absurda. É uma tentação que temos todos, eu também adoro meus filhos. Adoro as crianças, tenho uma paixão por elas, eu as amo mais do que tudo...

*Luca Rischbieter*

- *Mas não é isso que queremos... O senhor conhece John Dewey, por exemplo, não é?*

*Luc Ferry*

- Sim, claro. Bastante bem, na verdade.

*Luca Rischbieter*

- *Um pouco mais do que Comte-Sponville... Dewey era o diretor de uma escola em Chicago, no início do século XX, onde ele fazia projetos. As crianças trabalhavam juntas sobre questões de interesse. Essas são outras ideias que, na era da tecnologia, podem contribuir para tornar o aluno mais ativo oferecendo-lhe algo mais interessante do que as simples aulas.*

*Luc Ferry*

- Espere, eu vou lhe dizer: há uma diferença temporal entre nós. Nós, na velha Europa, assim como na Califórnia, quando vivemos o Maio de 68, entramos muito muito rapidamente num sistema onde a autoridade tinha desaparecido, onde o professor e o aluno estavam no mesmo nível, onde todas as formas de cultura estavam no mesmo nível, as histórias em quadrinhos valiam tanto quanto Shakespeare, etc. Para retomar Alain Finkielkraut. Tínhamos ido muito longe. Pensamos, por exemplo, em Daniel Cohn-Bendit que de todo modo eu aprecio bastante, é uma figura interessante. Mas estamos começando a sair de tudo aquilo. Os países que entraram nesse processo 10 anos mais tarde porque mantiveram um sistema tradicional durante mais 10 ou 15 anos, refizeram o mesmo percurso nosso e estão agora entrando no processo, quando nós estamos saindo.

*Luca Rischbieter*

- *Então teremos a mesma ressaca daqui a 10 anos?*

*Luc Ferry*

- Sim, a mesma. Daqui a 10 anos. É a mesma coisa que aconteceu nas zona rurais da



França: lá o processo demorou mais tempo. Dez anos de distância são suficientes para fazer com que o olhar sobre a autoridade não seja o mesmo. Fomos tão longe na desconstrução da autoridade que agora nosso problema, e repito, pelo amor pelos filhos, e para eles, não para mim, eu não me importo, é que precisamos desse momento de autoridade. E por que? Porque o bilhete de entrada para o mundo dos adultos é o trabalho. Sem trabalho não é possível ingressar. Baudelaire tem uma frase que eu adoro: "No final, demorei muito tempo para entender que trabalhar é mais divertido do que se divertir." É verdade que estamos na civilização do lúdico. Todos esses brinquedinhos, vejo seu celular, por exemplo, não tenho o meu aqui comigo. Essas coisinhas são formidavelmente sexy. Não há nada mais divertido do que isso: pode-se ter 800 mil aplicativos aqui dentro.

*Luca Rischbieter*

- *Imagine que o senhor é uma criança numa escola tradicional com isso (iPhone) no bolso: é possível fazer a aula?*

*Luc Ferry*

- Eu também adoro isso, entendo bem quem se diverte com isso. Mas eu acho que essa civilização do lúdico, essa civilização capitalista, sendo que o senhor é de esquerda, e que é importante lembrar que o capitalismo é o motor da história... Não posso falar isso, não é?

*Luca Rischbieter*

- *Não há nenhum problema, eu só vou perder o emprego...*

*Luc Ferry*

- Essa civilização capitalista é uma civilização lúdica. É o que Marcuse chamava "dessublimação repressiva". O que quer dizer essa fórmula? Os grandes chefes de empresa, de modo geral, são de direita, não são de esquerda. Então, eu sempre lhes digo que eles são esquizofrênicos, como se fossem cortados em dois: de um lado, a empresa e o desejo de ter crianças consumistas, lúdicas, hedonistas que compreem iPhone, Nintendo, Playstation etc. Do outro lado, quando eles voltam para casa, como são homens de direita, querem restabelecer a autoridade, a velha escola republicana, as blusas cinzentas, os métodos tradicionais e, se for possível, as punições corporais. Então, o chefe de empresa é esquizofrênico. "You can't have your cake and eat it too". Não se pode ter a manteiga, o dinheiro da manteiga e o cuidado do leiteiro. Em italiano é mais engraçado: "Não se pode ter o barril cheio e a mulher bêbada". É a mesma coisa: não se pode ter uma criança consumidora permeada pelo hedonismo da sociedade de consumo, e, ao mesmo tempo, uma criança que lê o grego e o latim. As duas coisas juntas não podem funcionar. Devemos fazer a nós mesmos uma pergunta que é a única

pergunta possível no mundo da educação: queremos criar uma nação de crianças inteligentes, reflexivas, capazes de enfrentar o mundo e de compreendê-lo, ou, ao contrário, queremos criar uma nação de crianças consumidoras? É esse o problema fundamental. E, pelo amor por elas, eu preferiria que fossem inteligentes, reflexivas e trabalhadoras do que consumidoras. Mas é preciso ser os dois, é claro. Tenho certeza que o senhor também é assim. O senhor tem cara de ser os dois. Eu também, de todo modo.

*Luca Rischbieter*

- *O senhor vai acabar virando um liberal de esquerda, como Comte-Sponville.*

*Luc Ferry*

- André não é liberal...

*Luca Rischbieter*

- *Enfim... Eu seria de esquerda, por exemplo, mais como Michel Rocard do que Pierre Mauroy. Ou seja, acreditamos no dinheiro, o dinheiro é libertador... O senhor falou das mulheres. Antigamente, as mulheres eram o dinheiro, a moeda de troca. Foram o dinheiro e o capitalismo que permitiram o processo de libertação que o senhor elogia tanto. Então, o capitalismo e o dinheiro são positivos.*

*Luc Ferry*

- Sim, claro. Não tem só lados negativos. Mas é claro que tem também efeitos perversos.

*Luca Rischbieter*

- *Falemos agora um pouco sobre a disciplina. Voltamos à pergunta feita a Comte-Sponville sobre a disciplina como virtude: segundo André Comte-Sponville, a disciplina não é uma virtude, é um meio para alcançar algo, como em sua visão.*

*Luc Ferry*

- Sim.

*Luca Rischbieter*

- *Mas, como a virtude em Aristóteles, e como em seu exemplo do olho humano, ela pode ter dois vícios, dois extremos: o excesso e a ausência. Em sua opinião, a disciplina é uma*

*virtude, um valor importante? Quais poderiam ser os dois vícios provocados pela ausência ou pelo excesso da disciplina?*

*Luc Ferry*

- Eu acho que a perspectiva aristotélica é muito boa. De fato, o que Aristóteles diz em *Ética a Nicômaco*, seu grande livro de moral, é que todas as virtudes são meios termos. Para dar um simples exemplo, pensamos no olho: o olho excelente é aquele que não é nem presbita, nem míope. A coragem não é a covardia e nem a temeridade, etc. Essa ideia que pode parecer fraca, na verdade é muito profunda e vale também no que diz respeito à disciplina. Se não houver a lei, não é possível nem mesmo transgredi-la. Como podemos transgredir uma lei que não existe? Escrevi um livro sobre a história da vida boêmia, a invenção da vida boêmia entre 1830 e 1900. Quando você olha esses pequenos grupos boêmios que se chamavam os fumistas, os incoerentes, os hidropatas, os "eunãoligos", os hirsutas, porque eram hirsutos como os patos selvagens, não como aqueles com as asas cortadas. Todos esses pequenos grupos são românticos e revolucionários. Entre eles havia Théophile Gautier, Petrus Borel, Gérard de Nerval, Verlaine, Rimbaud e muitos outros. O que é absolutamente fascinante na história da vida de boêmia é que ela acontece durante um período que, do ponto de vista político, é extremamente autoritário. E se esses jovens de 19 ou 20 anos, admiradores de Victor Hugo, não tivessem vivido numa sociedade tão rígida, tão entediante, como era também aquela de onde surgiu o Maio de 68, nunca eles teriam inventado a vida de boêmia. É uma questão de equilíbrio, é claro. Mas, se não dermos aos nossos filhos um mínimo de autoridade, de disciplina eles não serão nem capazes de trabalhar, de enfrentar as grandes obras. Eu traduzi *A Crítica da Razão Pura*, de Kant. O senhor acha que me diverti? Não, não é um divertimento. E para fazer isso é necessário uma quantidade de trabalho considerável.

*Luca Rischbieter*

- *Contudo, o senhor talvez tenha tido um prazer próximo ao do jogo.*

*Luc Ferry*

- Agora estamos realmente entrando no núcleo do problema. No Maio de 68, quando entramos na fase da criança livre de Summerhill, da pedagogia moderna e modernista, todo mundo pensou e eu também, como jovem professor, que devíamos começar por interessar, como Decroly, e apaixonar os alunos para depois fazê-los trabalhar. Mas não funciona. Tocávamos violão, as canções dos Beatles...

*Luca Rischbieter*

- *Sério? O senhor fez isso?*

*Luc Ferry*

- Todo mundo fazia isso. Todos da geração de 70 faziam isso. Os jovens professores daquela geração, como eu, faziam assim. É aquela que eu chamo pedagogia do anzol: procura-se apanhar um peixe através de uma isca atraente. Nós divertíamos os alunos, mas depois eles não estudavam. A verdade é que não é o interesse ou a motivação que precedem o trabalho, ao contrário: é preciso ter trabalhado muito antes para poder achar que a geografia é interessante, que Spinoza ou Kant são interessantes. Mas quando você abre a Crítica da Razão Pura e lê uma frase do tipo: "Como são possíveis os juízos sintéticos a priori?", isso não facilita a conversação e não dá vontade de continuar a leitura. É só depois de ter trabalhado muito a matemática, a física, a filosofia, ou a geografia, descobre-se que aquilo é totalmente apaixonante. O bilhete de entrada no mundo adulto é o trabalho. E o defeito da pedagogia modernista é que por enquanto nossos filhos vivem naquilo que eu chamo a síndrome de Peter Pan. Peter Pan é o menino que não quer crescer. Quer ficar com a fada Sininho, Capitão Gancho, o crocodilo que engoliu o pêndulo e quer ficar no mundo do imaginário. A verdade é que o mundo dos adultos, quando se consegue fazer parte dele, é mais rico, mais apaixonante, mais intenso, mais interessante que o mundo da infância. Mas o bilhete de entrada é o trabalho. E sem disciplina não é possível trabalhar. Então, a grande dificuldade de hoje é como conseguir transmitir a autoridade sem ser autoritário. É esse o problema.

*Luca Rischbieter*

- *Concordo.*

*Luc Ferry*

—Estamos definindo a equação. E sobre isso ninguém pode discordar. Não teria sentido. Retomando Aristóteles, é o bom senso dos meio termos.

*Luca Rischbieter*

- *Então, a escola. Estamos falando de jovens do 4a, 5a, 6a ou 7a séries. O senhor falou de liberdade e de autorreflexão. A escola deve ensinar as crianças a filosofar? E como? No Brasil, quando os pedagogos falam do ensino da filosofia para crianças partem da constatação de que as crianças se fazem perguntas, elas são filósofos. O senhor deve saber isso, tendo filhos.*

*Luc Ferry*

- Sim, eu até dei aulas sobre a morte para crianças de 7, 8 anos. Mas não sou muito favorável a isso. Porque a verdade é que percebemos que, na nossa velha democracia

européia, entre 35% e 40 % das crianças de 10 a 12 anos têm muitas dificuldades no domínio da língua, na leitura e na escrita. É o problema principal. É preciso entender a razão. Não é evidente. Há dois grandes problemas nas nossas "petites écoles".

*Luca Rischbieter*

- *Que são as "petites écoles"?*

*Luc Ferry*

- São as escolas primárias, de 5 a 11 anos. Os dois problemas são o domínio da língua, a escrita, a leitura, e o civismo porque há uma grande falta de civismo que se torna mais evidente quando as crianças vão ao colégio com 14, 15 anos e se tornam mais fortes e violentos. Por que há esse problema? A razão é muito profunda. Refletindo bem, entende-se que os dois âmbitos que são puramente patrimoniais, tradicionais, que são uma herança, são a língua e o civismo. O senhor não inventou o brasileiro, o português. Eu não inventei o francês. A língua e as regras de gramática são totalmente tradicionais. A invenção, a inventividade e a espontaneidade em gramática chama-se erro ortográfico. Da mesma forma, ninguém entre nós inventou as regras de civismo. Quando se termina uma carta, o que se escreve no Brasil?

*Luca Rischbieter*

- *Ah, isso para nós é um problema aqui na França.*

*Luc Ferry*

- Nós escrevemos: "Monsieur, Madame, je vous prie d'agr er mes sentiments les meilleurs". Essas são fórmulas totalmente convencionadas. Então há, dentro da educa o, blocos que são tradi es. Agora, vivemos o século XX que foi o século da desconstru o das tradi es. E estamos pagando caro em rela o ao domínio das bases. Então, antes de ensinar a filosofia, ensinemos a ler e escrever. Esse   o problema número 1.

*Luca Rischbieter*

- *Antes de ser consultor, eu trabalhei durante 10 anos na Educa o Infantil da minha cidade. O que mais funcionava para ensinar as letras era a chamada dos nomes. A criança ficava fascinada pelo seu nome. E assim aprendia as letras. As crianças não são estúpidas. Eu sou um piagetiano, na verdade.*

*Luc Ferry*

- Eu também. Eu adoro Piaget, eu li todos os seus livros.

*Luca Rischbieter*

*- E quando a criança escrevia o seu nome e assinava o desenho, era o amor que emergia. E tínhamos que guardar os desenhos, porque os pais às vezes os rasgavam. Há famílias assim, na escola pública e por todo lado, a indiferença existe também. Brincando junto com as crianças, elas aprendiam as regras também.*

*Luc Ferry*

- Todas as técnicas são boas. Eu não acho que haja um único bom método de aprendizagem da leitura. Eu era muito favorável, por exemplo, à pedagogia de Freinet onde colocávamos as crianças em diferentes mesas e podíamos fazer muitas coisas, como a impressão, que naquela época era uma coisa formidável. Hoje temos tablets e computadores, mas aquele sistema pode ser adaptado. Não sou contrário. Mas o objetivo, seja qual for o meio, tem de ser o domínio das bases. Isso é absolutamente vital para as nossas crianças.

*Luca Rischbieter*

*- Como também a abertura ao outro, porque o civismo é também isso hoje.*

*Luc Ferry*

- Sim, se não houver civismo, não há a abertura ao outro. Então, o civismo e o domínio da língua são as prioridades. Isso implica evidentemente uma ajuda por parte das famílias, a escola não pode fazer isso sozinha. As famílias devem ter uma estrutura, não devem pretender que a escola faça o que elas não fazem.

*Luca Rischbieter*

*- A principal reclamação de professores e diretores é em relação às famílias, que pretendem que a escola faça tudo.*

*Luc Ferry*

- Sim, inclusive a educação sexual. A família deixa de ocupar-se disso.

*Luca Rischbieter*

*- Bem. Então o senhor acha a filosofia não é algo para a Educação Infantil?*

*Luc Ferry*

- Não, sou bastante contrário. Porque a filosofia exige uma autonomia de raciocínio e um espírito crítico. Então não pode ser proposta na escola cedo demais. Depende de quem e de como, claro. Eu dei algumas aulas assim porque me pediram.

*Luca Rischbieter*

- *Em que ocasião o senhor deu essas aulas?*

*Luc Ferry*

-Havia uma menina cujos pais tinham morrido num acidente de carro. Ela tinha 7 anos, algo terrível para uma criança. A professora, muito incomodada, contatou-me e disse: "Sei que o senhor escreveu livros de filosofia sobre a morte. Estaria disponível para falar sobre isso?" Então fui à escola para falar com as crianças da turma e evoquei as grandes respostas relativas à morte, a questão da fé, da ausência da fé. Então falei sobre isso. Mas com muita delicadeza e tato. Mas não gostaria que meus próprios filhos tivessem aulas com Michel Onfray ou com outros que os doutrinarium e que lhe diriam para votar em Besancenot. Esse é o meu medo. É preciso que as crianças tenham uma capacidade de resistência já suficientemente formada para que o ensino da filosofia não seja feito como num vaso vazio onde vertemos água. É preciso uma capacidade de resistência, para dizer não, se for o caso.

*Luca Rischbieter*

- *Rabelais dizia: "A criança não é um vaso a ser preenchido, é um fogo que acendemos".*

*Luc Ferry*

- Quando ela tem 6 ou 7 anos, ainda é um pouco um vaso vazio, em relação à filosofia, claro, não em todos os âmbitos. Então não se pode falar de Spinoza, de Kant.

*Luca Rischbieter*

- *Mas a filosofia não é também se fazer as grandes perguntas?*

*Luc Ferry*

- Não, a filosofia não é isso. Isso não tem nada a ver com a filosofia. A filosofia não é nada disso. A filosofia é três coisas. Primeiro: o conhecimento do campo de jogo, ou seja, o mundo onde vivemos. Os gregos se perguntavam o que era o cosmo, é caótico,

harmonioso, lindo, feio, compreensível, racional? Essas são as questões filosóficas. Esse é o conhecimento do campo de jogo. Segundo: o conhecimento das regras do jogo, ou seja a moral. Terceiro: o conhecimento do objetivo do jogo, ou seja, o sentido da vida, a vida boa para os mortais. Contudo, o ensino prevê a escrita de dissertações. Eu acho que é um exercício absurdo, porque não tem nenhuma relação com a filosofia. Então a filosofia não consiste em fazer grandes perguntas, lendo os livros, sobre a morte, a verdade, sei lá. São tolices! A filosofia é principalmente uma tentativa de responder à pergunta: o que é uma vida boa para os mortais? Os grandes filósofos gregos nos dizem que ter uma vida boa é estar em harmonia com o cosmo. Os grandes humanistas dos séculos XVI, XVII e XVIII dizem que uma vida boa é contribuir ao progresso humano. Nietzsche ou Schopenhauer, sobretudo Nietzsche, dizem que a vida boa é a vida intensa e livre, e assim vai. As grandes filosofias concorrem com as religiões: em vez de definir a vida boa passando por Deus e pela fé, define-se a vida boa através de outros meios. Mas isso não tem nada a ver com o fato de entrar numa classe e falar às crianças sobre a verdade, a beleza, a morte. Isso não tem nada a ver com a filosofia. É absurdo! Eu me desespero quando vejo que se ensina filosofia como fosse enquete jornalística. A filosofia se reduz hoje a fazer os prós e o contras, como nos talkshows. "Você é a favor ou contra a reforma da aposentadoria?" A filosofia não é isso!

*Luca Rischbieter*

*- Falamos muito sobre a disciplina e a autoridade. Porém, o objetivo da educação é formar pessoas que procurem por si mesmas as maneiras para viver bem.*

*Luc Ferry*

- Sim.

*Luca Rischbieter*

*- Então, eu lhe pergunto: qual é a relação entre essa dupla de termos: "autoridade e disciplina", versus "liberdade e autonomia"?*

*Luc Ferry*

- O que é maravilhoso do período do século XVIII, onde surgem as grandes filosofias da educação, é que emergem três grandes filosofias focadas nessa questão: como fazer conviver a autoridade e a liberdade? Na educação através do adiestramento há só a autoridade, não há a liberdade. São metáforas políticas, é o absolutismo. Do outro lado,



há a educação através do jogo: há liberdade mas não há autoridade. E essa é uma metáfora do anarquismo. Na verdade, isso é muito profundo. Depois, com a ideia republicana, com Rousseau e Kant, surge a ideia de que o trabalho seria a síntese das duas: quando trabalhamos, somos ativos e, ao mesmo tempo, temos que enfrentar um problema que resiste, uma matéria que resiste. Rousseau elaborou a educação através do trabalho, em analogia com a Teoria da Lei. O senhor conhece com certeza a famosa frase de Rousseau: "Liberdade é obedecer a uma lei auto-imposta", ou seja, a lei que nos demos a nós mesmos. Então, quando votamos a lei somos ativos, livres, soberanos, diz Rousseau. Mas quando a lei é votada, ela recai sobre nós e somos então passivos, obedecemos à lei, que nós mesmos votamos. Essa é a autonomia. É a mesma coisa no trabalho, e nós chamamos de problema. Não sei se é usada a mesma terminologia no Brasil. Fala-se de problemas matemáticos.

*Luca Rischbieter*

- *Sim.*

*Luc Ferry*

- O problema é o que é jogado na frente da criança. O que é então essa pedagogia do trabalho? É a ideia de que quando colocamos um obstáculo à uma criança é ultrapassando livremente esse obstáculo que ela crescerá. Piaget também dizia assim. Há a ideia que o trabalho seria a síntese entre a liberdade e a autoridade. E essa autoridade é agradável, porque não provém de outro ser humano, não é a autoridade do professor, é a autoridade da coisa em si. Em relação a isso, Rousseau é genial! Não é por acaso que ele é o fundador dos métodos ativos. Ele dizia que a boa educação é aquela feita pelas coisas e não aquela feita pelos homens. Ou seja, o professor não é aquele que deve encher a sua cabeça, como no caso do vaso vazio que já evocamos, mas sim aquele que coloca para a criança os bons obstáculos, adaptados para que possam ser ultrapassados. Sem dificuldade excessiva para que a criança não perca a motivação, e suficientemente difíceis para que a criança aprenda algo. A autonomia é, então, a síntese, a reconciliação entre a liberdade e a autoridade que se realiza no trabalho. E acho que essa é uma grande ideia. Todos trabalhamos muito na vida, tenho certeza que o senhor também. Então, para mim, é a síntese útil, inteligente entre a autoridade e a liberdade. É claro que nossas escolas devem ter o objetivo de formar crianças que sejam capazes de pensar por si mesmas, que tenham liberdade de espírito, também espírito crítico. Mas para poder criticar, é preciso ter integrado a lei. Esse é o problema: se não integrarmos a lei, não podemos criticar. Somos só uma espécie de ser proteiforme, que fala pra todos os lados, mas sem estrutura. Para ser revolucionário, é preciso passar pelo momento da autoridade. Para transgredir e criticar a lei deve-se, antes de tudo, conhecê-la e integrá-la.

*Luca Rischbieter*

- *Perfeito! Agradeço infinitamente ao senhor.*

*Luc Ferry*

- Sou eu que agradeço. Essa conversa foi um prazer.